



## PELA INTERNET: PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E A NETNOGRAFIA

Alessandra dos Santos da Silva  
UFMS  
[prof.alessandrass@gmail.com](mailto:prof.alessandrass@gmail.com)

Luzia Aparecida de Souza  
UFMS  
[luzia.souza@ufms.br](mailto:luzia.souza@ufms.br)

### **Resumo:**

O presente texto pretende discorrer sobre a pesquisa netnográfica, considerando os movimentos em relação ao uso dos ambientes de transmissão virtuais e as relações que passaram a se estabelecer entre os sujeitos em virtude da pandemia. Os diferentes modos de interação humana mediada pelas tecnologias, e as diferentes formas de ser, saber, fazer e viver de professores de diferentes lugares do Brasil trazem antigas e novas questões relacionadas à produção de conhecimento por diferentes culturas/ciberculturas. Um mundo contemporâneo que compreende relativizações nos processos de produção e propagação de conhecimentos, saberes, fazeres e falares em espaços midiáticos. Os aportes teóricos e metodológicos desse tipo de pesquisa que trago para interlocução é de Kozinets (2014) e Fresno (2011). No decorrer do texto aparece a letra das músicas do cantor brasileiro Gilberto Gil e as mudanças de olhar acerca da utilização da internet e que refletem os comportamentos de muitos usuários, principalmente dos professores no contexto da pandemia. A utilização da netnografia e as discussões sobre diferentes temas que perpassam a educação podem ser alvo de estudos e pesquisas, com a intenção de provocar a incorporação dos debates nas discussões na formação de professores pesquisadores em Educação Matemática.

**Palavras-chave:** Internet; Educação; Matemática; Netnografia.

### **1 Com quantos gigabytes se fazem debates com a educação matemática?**

“[...] Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada  
Um barco que veleje?  
Que veleje nesse informar  
Que aproveite a vazante da infomaré  
Que leve um oriki do meu velho orixá [...]”  
Gil (1996)

O excerto escolhido para iniciar este artigo refere-se a música de Gilberto Gil “Pela internet” esta música transmitida ao vivo pela internet em 1996. As palavras dessa música vieram a minha cabeça ao iniciar este texto sobre pesquisa netnográfica, e como a intenção não necessariamente em apresentá-los um manual de como realizar esse tipo de pesquisa



qualitativa, mas compartilhar o que me levou a conhecer esse tipo de método em um tempo de incertezas, isolamento social, a docência remota e a relação dessa abordagem com os meus itinerários formativos. Logo, já deixo explícito que não encontrarão todas as técnicas e o detalhamento do método que serão mencionados com base nos autores no decorrer do texto, mas a intenção é contribuir para reflexão sobre o fazer pesquisa em ambiente on-line e seus desafios.

Sou Professora de matemática, Doutoranda no programa de pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), aprovada em 2021. No ano passado tivemos a contradição exposta sob a ótica dos estudos culturais a respeito sobre internet, sociedade, política e culturas/ciberculturas. Por conta do isolamento social e retornado recentemente a morar em Belém no início do ano de 2020, participei de vários eventos acadêmicos online promovidos por várias instituições de ensino do Brasil e de outros países. Essa mudança abrupta para os ambientes online e a narrativa dos profissionais na área da educação desencadeou o interesse por essa abordagem de investigação.

Desde o início da pandemia no ano de 2020, o que era real do cotidiano das escolas foi transferido para o real midiático do ciberespaço. Essa transferência da realidade social escolar para o remoto, em consequência devido o isolamento, provocou mudanças. Como meus trabalhos desde a iniciação científica e atividade de extensão universitária até o Mestrado foram em escolas públicas foi possível observar que o convívio social e as relações dialógicas próprias dos espaços educativos foram dilacerados, acompanhado ainda pelo desconforto de saber que a continuidade do acesso à educação não era para todos.

Diante disso, como trazer para internet o debate da exclusão social reforçadas pelas tecnologias da informação e comunicação, o antirracismo, o feminismo, violência doméstica, a xenofobia, as lutas dos povos indígenas, a intolerância as religiosidades de afroamericanas, questões de gênero, a saúde mental de grupos sociais vulnerabilizados foram as questões que me levaram assistir diversas lives sobre educação e os dilemas para se manter uma educação pública, gratuita, de qualidade e democrática, agora em espaços digitais. Considerando os usos da internet na educação, a reflexão sobre os mesmos, e como podem ser incorporadas tais discussões das pesquisas da Educação Matemática, trago a letra da música com o intuito de refletir sobre práticas do dia a dia de trabalho dos educadores

matemáticos e todos interessados no fazer educações. Na segunda versão da música de Gilberto Gil, “Pela internet 2” para enaltecer o debate sobre temas que são urgentes em tempos de aumento das violências e dos movimentos em torno da utilização da internet.

Na composição de Gil aparecem muitos termos retirados da área da informática como: *Home page, web site, disquete, gigabytes, e-mail, hot-link, micro, rede, Internet, acessar, hacker*. Além de outras formadas por neologismo, ou seja, a junção de palavras para dar outros significados, dentre elas “informar” e “infomaré” que significa: fazer saber, instruir e infomaré significa: info de informação + mar = mar de informações. A nova versão traz os nomes de redes sociais e aplicativos mais utilizados atualmente. No final deste texto sugiro mais neologismos como “inforio” e “infopororoca” com a intenção do encontro de culturas/ciberculturas e os diversos afluentes que dão vazão ao infomar da internet, presente nas entrelinhas da música.

O processo da cibercultura, seria uma cultura gerada a partir do ciberespaço. Essa mudança de valores e visão de mundo, apresentada por Levy (1999) caracteriza-se como a cultura geral sendo profundamente alterada a partir da cultura produzida em ambientes online, pois altera as formas de trabalhar, relacionar-se, de ter sociabilidade, realizada a partir do ciberespaço e de suas características novas (BRITTO, 2009, p. 153).

## 2 Netnografia e as narrativas em educação matemática

“Eu quero entrar na rede  
Promover um debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tientes de Connecticut”

A escolha da netnografia talvez seja o método que atenda um campo novo de atuação de muitos professores considerando os efeitos dos estudos e usos da internet, (re) desenhar os caminhos para se fazer educação pós-pandemia. Para Fresno (2005) etnografia é a irmã mais velha da netnografia, a comparação e contraste não são necessariamente um sinal de concorrência, sabendo que um método de pesquisa não pode ser inerentemente superior a outro, mas a escolha de um pode ser a melhor opção para estudar um determinado fenômeno ou responder a determinados tipos de questões de pesquisa.



La necesidad y relevancia de la netnografía se justifica reconociendo que, hoy en día, se está dando una creciente hibridación de las prácticas sociales y culturales entre los contextos offline y online, al punto de convertirse en un simple “continuum social”. Por lo tanto, para poder comprender la realidad social de nuestro tiempo resulta necesario estudiar lo que ocurre y lo que las personas hacen en el ciberespacio, especialmente en lo que respecta a la creciente sociabilidad online facilitada por el “código prosocial”. Bajo este contexto, se presenta a la netnografía como una disciplina idónea justamente para investigar las prácticas sociales y culturales que se configuran en el ciberespacio (FRESNO, 2011, p.19).

Existem oportunidades emergentes quase ilimitadas para estudar a crescente variedade de culturas e comunidades eletrônicas, bem como os modos como elas se inter-relacionam com nossos atuais sistemas dinâmicos interagentes de culturas, identidades e arranjos sociais. Essas oportunidades, sem dúvida, levarão a avanços em nossa compreensão teórica das maneiras como funcionam as comunidades online, bem como do papel que elas desempenham na vida dos seus integrantes e na sociedade.

Com base em estudos e reflexões da Escola de Frankfurt, os teóricos críticos, os situacionistas e muitos críticos pós-modernistas, encontram-se os discursos culturais profundos e arraigados que percorrem grande parte da sociedade ocidental nos quais as comunidades e modos de vida locais são contrapostos às grandes corporações e seus interesses são apontadas por Kozinets ( 2001, 2002a, 2002b); Kozinets e Handelman (2004). Essa área de “relações comunitárias comerciais” e as tensões, diálogos, paradoxos, concessões intranquilas e desdobramentos constantes que a constituem, parece estar se desgastando cada vez mais na esfera da comunidade online (KOZINETS, 2014, p. 164) .

Muitas das principais questões sobre as relações comunitárias comerciais se relacionam com noções de posse e propriedade intelectual. As pesquisas em ambientes online procuram analisar as comunidades e culturas próprias dela, essa inter-relação de comunidade, ética, poder, moralidade e direitos legais sobre propriedade pode muito bem se tornar o centro das atenções. Se considerarmos que, em suas essências, o próprio ensino e cultura estão preocupados com cópia e imitação, emulação e aculturação, então essas noções individualistas de propriedade e direitos, relacionadas à propriedade privada, podem levar-nos ao centro de alguns conflitos sociais explosivos (Ídem).

A tarefa do netnógrafo é ser tanto explorador quanto cartógrafo desse novo e empolgante terreno cultural, e também antropólogo, um explorador que estuda de maneira respeitosa e minuciosa as pessoas que surgem rapidamente para habitar e colonizar esses novos mundos virtuais. Para realizar pesquisa ética em um mundo virtual, medidas

necessárias precisariam ser seguidas a respeito de permissões, autoidentificação, citação de outras pessoas e demais procedimentos. Oportunidades de participar e interagir com outros membros da cultura em mundos virtuais pode transparecer naquele mundo em um local especialmente programado e patrocinado pelo netnógrafo, tal como uma “ilha de investigação”.

A netnografia é uma pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online, no entanto, ela se apegua e incorpora uma imensa variedade de diferentes técnicas e abordagens de pesquisa.

Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. Portanto, assim como praticamente toda etnografia, ela se estenderá, quase que de forma natural e orgânica, de uma base na observação participante para incluir outros elementos, como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados arquivais, análise de caso histórico estendida, videografia, técnicas projetivas como colagens, análise semiótica e uma série de outras técnicas, para agora também incluir a netnografia (KOZINETS, 2014, p. 62).

A pesquisa netnográfica caracteriza-se por ser naturalista, imersiva, descritiva, flexível, emergente, qualitativa, atenção aos dados conceituais e enfatiza dimensões da compreensão particular de determinado grupo sobre aspecto de interesse (do pesquisador). Então, por que o interesse das primeiras pesquisas netnográficas para criação de perfil de consumo seria identificar como se comportam comunidades em relação a determinados produtos. Antes de continuar, acredito ser válido diferenciar alguns pontos sobre a diferença das pesquisas online:

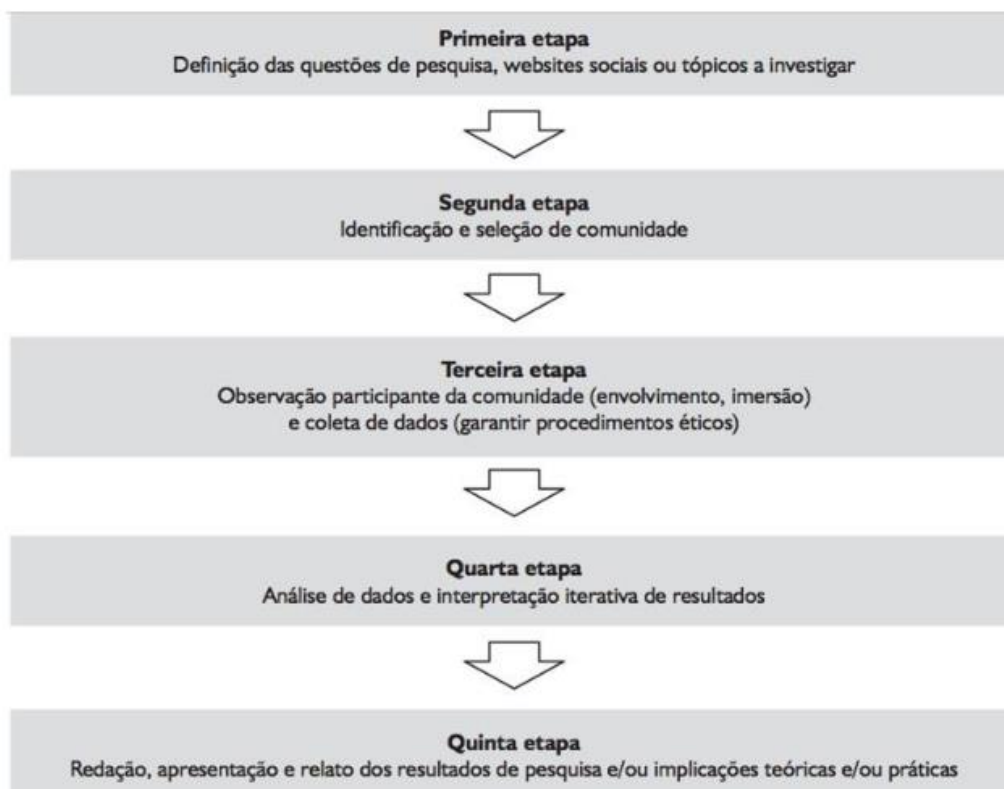


Fonte: Romancini (2020)

Para iniciar as buscas e pesquisas sobre possíveis campos empíricos(online) de estudos, Kozinets (2014) aponta critérios de escolha, descrevendo o caminho para o método da netnografia:

- I. Planejamento e entrada;
- II. Coleta de dados;
- III. Análise de dados;
- IV. Realizando netnografia ética;
- V. Representação e avaliação.

Os netnógrafos da rede, os caçadores e coletores de URLs e mecanismos, perfumes e figuras, olhares e capturas. Atravessamos oceanos, não de água, mas de uma infinidade de fluxos de dados que correm, rugem, e se cruzam. Detetives digitais, bricoleurs em bits e bytes, estamos constantemente adaptando, instalando, programando, ligando, questionando, interpretando, refletindo, observando. Seguindo a mistura. Conectados e desconectados. Desconectados e conectados. Pedindo permissão em público, para o público, para consentir a momentos de dissenso e memorável representação. Kozinets divide em etapas para a utilização dessa abordagem:



Fonte: Kozinets (2014, p.63)

Kozinets (2014) apresenta dez critérios para netnográfica. Eles decorrem dos padrões

etnográficos tradicionais, a saber: coerência, rigor, conhecimento, ancoramento, inovação, ressonância, verossimilhança, reflexividade, práxis e mistura. Para o autor, estes critérios representam uma orientação para auxiliar na avaliação da netnografia, nas discussões acadêmicas e na construção de ideias. E ainda, propõe a validação do relatório de pesquisa junto ao grupo pesquisado. A apresentação da pesquisa tem o intuito de validar as interpretações sobre as observações realizadas, e permitir que o pesquisado apresente suas opiniões sobre o que foi escrito e se está condizente com o contexto e vivências.

### 3 Isolamentos e os silêncios na pandemia: exemplos reais na sala virtual

“Todo mundo na rede que nem peixe pescado  
É zap-zap, é like  
É *instagram*, é tudo muito bem bolado  
O pensamento é nuvem”  
Gil(2018)

Dentre as medidas preventivas relacionadas à educação, foram proibidas as aulas presenciais na rede estadual de ensino, manutenção de oferta de merenda escolar ou medida alternativa no período de suspensão e antecipação das férias escolares. Em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde declara a pandemia e já eram confirmados 100 mil casos com SARS-CoV-2 e em 2021 ultrapassaram mais de 500 mil mortes pelo vírus. Essa mudança no cotidiano das famílias, das mães de famílias, a responsabilidade com as atividades domésticas, muitas vezes o desemprego, podem ter contribuído para o aumento das violências e isso reflete na relação dos estudantes com as atividades escolares.

Eliza Toledo fez uma publicação no site da Fiocruz sobre um periódico El País, onde informava que doze mulheres haviam sido assassinadas na Colômbia durante a quarentena. Além daquele, o jornal francês Le Monde, publicou também dados dessa violência em diferentes países desde o começo do confinamento social, informava em fins de março que os números de mulheres e garotas agredidas “se multiplicavam” na China. Ela destaca que, esse jornal, trouxe a violência na Argentina e na França, no primeiro, ao menos seis mulheres e meninas haviam sido assassinadas desde o começo do isolamento, sendo o último, palco do aumento das violências conjugais contra as mulheres desde o começo da crise sanitária provocada pelo coronavírus, contabilizando um aumento de 30% dessas agressões, de acordo com a pesquisadora (TOLEDO, 2020).

Sabe-se que nesses graves problemas para a saúde e para a vida das mulheres, novamente, não são novos: em 2018: “Violência contra as mulheres é ‘pandemia global’”. Mais do que isso, pois essa violência não é um fenômeno agudo, que ocorre em intervalos de tempo restritos, mas um problema crônico, de caráter histórico e estrutural, que antecede em muito o surgimento de coronavírus. Estamos assistindo a um novo episódio desse fenômeno social e problema de saúde pública, proferida pelo secretário-geral da ONU, António Guterres, que muito se assemelha a de Oquendo.

Outro exemplo, apresentado por Suzanna Moore, em um texto publicado no Jornal Correio Braziliense, é que “talvez a violência contra mulher seja uma das faces sombrias desta pandemia”. Segundo a agente da Polícia Federal de São Paulo, uma delas, indubitavelmente, é o aumento da violência doméstica e do número de casos de feminicídio, crime bárbaro de assassinato de mulheres fruto da misoginia, ela diz que no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o número de feminicídios no primeiro semestre de 2020 cresceu 1,9% em relação a igual período do ano anterior. Também houve aumento no número de chamadas ao telefone 190 para denúncias de violência doméstica.

Para ela, diante do cenário cotidiano e extremo de casos de violência contra a mulher no país, é preciso colocar um ponto final na invisibilidade da desigualdade histórica entre homens e mulheres, especialmente nos campos político, cultural, econômico, e, principalmente, social. Efetivar os direitos e serviços existentes, replicar cenários vitoriosos e enfrentar o racismo institucional também são pontos essenciais para a coibição do feminicídio, conclui Moore.

Sabe-se que as mulheres, assim como as crianças, trans, estão nos chamados grupos de riscos e que durante a pandemia tiveram o aumento do sofrimento emocional, por vezes, provocados pelo aumento comportamentos opressores, e isso ocasiona o maior adoecimento psíquico da população e transtornos mentais. O isolamento social fez com que as mulheres ficassem mais expostas a agressões físicas, sexuais e psicológicas. Em sua maioria, os agressores pertencem ao círculo social das vítimas, sendo comumente os parceiros ou ex-parceiros. O crime de ódio de gênero nunca foi tão evidente.

#### **4 Um novo normal ou que nada volte normal?**

É tanto aplicativo que eu não sei mais não [...]





Um zigue-zague diferente, um beco, um CEP  
Que não consta na lista do velho correio  
De qualquer lugar  
*Waze* é um nome feio, mas é o melhor meio  
De você chegar  
Gil (2018)

*Waze* é uma aplicação para dispositivos móveis, baseada na navegação por GPS e que contém informações de usuários e detalhes sobre rotas, dependendo da localização do dispositivo portátil na rede. Essa parte da letra nos faz olhar para os becos e vielas que não são invisibilizados dos mapas dos aplicativos, conseqüentemente os sujeitos que ali residem. Os ambientes digitais acolheram de braços abertos possibilitando a criação de turmas, transmissões online com o simples cadastro de um *email*. Embora os serviços sejam gratuitos, os arquivos de áudio de vídeo estão armazenados em nuvem de uma empresa privada. A computação em nuvem, a inteligência artificial tende a tornar o pensamento em nuvem para as tendências homogeneizantes e para fins privados. Na visão dos Estudos Culturais, existe a cultura como arena de disputa, da construção do devir social, da luta de ideias e da possibilidade de definição de hegemonias que definirão como será o social. Para Britto (2009) a ausência de cultura identitária tem operado não como espaço de abertura de pluralidade, mas como abertura de espaço para uma cultura hegemônica advinda de um centro mais forte do capitalismo contemporâneo.

Dias e dias de isolamento, os movimentos nas redes digitais e as contradições da nossa realidade, traz na música de Gilberto Gil nos ajuda a pensar sobre os usos da internet, e pensar o espaço da internet com um mar de narrativas, e dele próprio que tornou-se referência por valorizar suas raízes e cultura local com uma antena ligada e reflexões que ultrapassam as fronteiras do passado e do futuro. As duas versões são narrativas que ora vêem a internet em dois momentos. Na década de setenta os anseios de muitos dos filósofos, sociólogos e educadores como Pierre Levy, Manuel Castells, Seymour Papert, Armando Valente, os computadores pessoais e o surgimento da internet.

Entender o movimento digital como um movimento cultural inclusivo para o conhecimento livre seja a intenção da provocação das músicas Pelas internet 1 e 2. A internet talvez a possibilidade utópica de acesso de conhecimento, compartilhamento, visibilidade dos debates e conversas de diferentes lugares. As narrativas trazem os construtos para um tempo humano, que a Internet tem como uma de suas principais



características a interatividade, onde o usuário não pode ser considerado um simples receptor de mensagens, pois ele passa a ser um produtor, numa atitude mais ativa do que o telespectador, o ouvinte e o leitor.

A Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph), Grupo Interinstitucional de Pesquisa Formação Polifonia – GEPEC/Unicamp, Grupo Vozes/FFP-UERJ promoveu um webnário intitulada Vidas em pandemia: narrativas de professoras e professores cujo objetivo favorecer reflexões sobre narrativas de professoras e professores, em tempos de pandemia, a partir da perspectiva narrativa e (auto)biográfica, envolvendo pesquisa e formação, bem como relatos de professoras em atividades remotas na perspectiva da inclusão. As professoras narram as surpresas durante as atividades e os deslocamentos para pensar sobre os caminhos para tornar um futuro possível onde narrar, refletir é o imperativo para re-existir.

Verdasca (2020) afirma que as narrativas interpretam-se mudanças nos processos, tempos e espaços de trabalho dos professores, estratégias e práticas escolares com alunos e com famílias, confinamento e riscos para os alunos e consciencialização dos alunos para a importância da escola. Por isso, é importante ressaltar que a Internet mudou nossa realidade, como cidadão, consumidor, pensador, falante, denunciante, blogueiro, amigo, fã, estudioso, etc, segundo Kozinets (2014). Os movimentos em rede podem funcionar somente no espaço online, como também podem coexistir fora dele, no espaço offline, destaca Kozinets (2014).

Para o autor, perceber na apropriação dos pressupostos da etnografia, o caráter investigativo e de observação da realidade são os princípios éticos presentes também na netnografia. Ele diz ainda que, todo esse movimento em/na/com a rede merecem atenção cuidadosa para o campo da educação matemática e devem ser discutidos, considerando a não neutralidade das questões sociais e das contribuições para reconstruir uma sociedade mais justa e menos desigual.

Adiante, destaco outro trecho da música “Pela internet 2” para pensarmos sobre a migração emergencial dos professores para os ambientes digitais:

“Criei meu website

“Lancei minha *homepage*

Com 5 *gigabytes*

Já dava pra fazer um barco que veleje



Meu novo *website*  
Minha nova *fanpage*  
Agora é terabyte  
Que não acaba mais por mais que se deseje”  
Gil- Pela internet 2

Esse trecho, retrata que a bordo de uma jangada, com suporte em gigabytes, cria-se várias rotas para se velejar sobre quantos oceanos e mares desejar. As tecnologias trazem o aspecto redentor, mas é importante reconhecer que o cérebro eletrônico universal pode silenciar pensamentos e narrativas que estão fora dos limites das nuvens. A apologia ao uso de tecnologias e a perspectiva delas solucionarem todos os problemas da escola, dos alunos, da aprendizagem talvez encubra uma “infomaré”, “inforios” e “infopororocas” veladas que só podem ser mostradas a partir de outras narrativas de vida que ultrapassam as fronteiras etnográficas, rompendo utopias e distopias da relação homem-máquina, desvelando as mesmas dificuldades das pesquisas e a luta pela existência de em diferentes espaços seja digital ou real.

A nova versão da música, lançada em 2018, vinte e um anos depois da primeira em 1996, Gilberto Gil fez a primeira transmissão ao vivo de uma música em vídeo pela internet no Brasil e para celebrar essa data, refez o convite para uma live. Gil, afirma que “As imperfeições humanas se multiplicam nessa multiplicação de possibilidades, de contato, de acesso e de informação”. A escolha pessoal destas letras justifica-se pois nas contribuíram para as reflexões sobre os usos da internet.

## 5 Agradecimentos

Agradecimentos, a CAPES que pelo apoio financeiro a pesquisa dos doutorandos do programa, a possibilidade de realizar estudos e apresentação deles nos eventos científicos. Aos professores pelas conversas e orientações que proporcionam uma maior reflexão sobre os nossos trabalhos e formação.

## Referências

**A saúde mental no contexto da pandemia da COVID-19** – perspectivas sobre a educação, assistência e modos de enfrentamento. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=s\\_cXUBPzOyU](https://www.youtube.com/watch?v=s_cXUBPzOyU)>. Acesso: 02 Jul 2021.



BORGES, Admir R. **A propaganda na vazante da “infomaré”**. Trabalho apresentado no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/85688252863987976206195650238848725358.pdf>>. Acesso: 18 Jul 2021.

BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura: sob olhar dos estudos culturais**. São Paulo. Paulinas, 2009.

DEL FRESNO, M. Netnografía. Investigación, análisis e intervención social online. Barcelona: Editorial UOC, 2011.

O Globo Cultura. **Gilberto Gil lança nova versão de 'Pela internet' e reclama de 'haters': 'Me mataram duas vezes!'**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/gilberto-gil-lanca-nova-versao-de-pela-internet-reclama-de-haters-me-mataram-duas-vezes-22347964>>. Acesso: 15 Jul 2021

**Gilberto Gil AoVivo - Pela Internet 21 Anos**. Disponível: youtube.com. Acesso: 18 jul 2021.

MOORE, Suzanna. Femicídio: um dos lados mais sombrios da pandemia. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/03/4913429-artigo----feminicidio-um-dos-lados-mais-sombrios-da-pandemia.html>>. Acesso: 18 Jul 2021.

ROMANCINI, Richard. **Teoria e Métodos de Pesquisa em Comunicação: Netnografia**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=gYvkVUU\\_U4w&t=554s](https://www.youtube.com/watch?v=gYvkVUU_U4w&t=554s)> Acesso: 10 de Jul 2021.

TOLEDO, Eliza. **O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covid-19: um problema histórico**. Disponível em: <<http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problema-historico.html?tmpl=component&print=1&page=#.YO7YQppKjIU>>. Acesso: 17 Jul 2021.



KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

**Vidas em pandemia**: narrativas de professoras e professores. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1bfDSSpqRGE>>. Acesso: 18 Jul 2021.